

**Universidades Lusíada**

Franco, Márcia Elisabete Wilke  
Ferreira, Paula  
Silva, Araci Ferreira da  
Jesus, Nola

**Vínculos afetivos na adoção : a perspectiva das  
mães adotivas : um estudo de caso**

<http://hdl.handle.net/11067/5570>  
<https://doi.org/10.34628/ag7c-a836>

**Metadados**

**Data de Publicação**

2019

**Resumo**

Após a efetivação da adoção, a convivência diária entre pais e filhos na constituição da nova família gera inúmeros questionamentos e dúvidas. A conversação entre as mães adotivas e as estagiárias do curso de Psicologia da Faculdade CESUCA buscou desmistificar e desconstruir os preconceitos criados e compartilhados entre as participantes acerca da idealização da adoção. O grupo contou com a participação de quatro mães, em oito encontros no ano de 2018. O presente trabalho, ao analisar os relatór...

After the adoption of the adoption, the daily coexistence between parents and children in the constitution of the new family generates innumerable questions and doubts. The conversation between the adoptive mothers and the trainees of the CESUCA Faculty of Psychology course sought to demystify and deconstruct the prejudices created and shared among the participants about the idealization of adoption. The group counted with the participation of four mothers in eight meetings in 2018. The present ...

**Palavras Chave**

Afecto (Psicologia), Adopção - Brasil

**Tipo**

article

**Revisão de Pares**

Não

**Coleções**

[ULL-IPCE] RPCA, v. 10, n. 2 (2019)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T07:17:26Z com  
informação proveniente do Repositório

**VÍNCULOS AFETIVOS NA ADOÇÃO:  
A PERSPECTIVA DAS MÃES ADOTIVAS.  
UM ESTUDO DE CASO**

**AFFECTIVE BONDS IN ADOPTION:  
THE PERSPECTIVE OF ADOPTIVE MOTHERS.  
A CASE STUDY**

**Márcia Elisabete Wilke Franco  
Paula Ferreira  
Araci Silva Ferreira  
Nola Jesus**

*CESUCA Faculdade Inedi/ PSICOAÇÃO CESUCA*

**Resumo:** Após a efetivação da adoção, a convivência diária entre pais e filhos na constituição da nova família gera inúmeros questionamentos e dúvidas. A conversação entre as mães adotivas e as estagiárias do curso de Psicologia da Faculdade CESUCA buscou desmistificar e desconstruir os preconceitos criados e compartilhados entre as participantes acerca da idealização da adoção. O grupo contou com a participação de quatro mães, em oito encontros no ano de 2018. O presente trabalho, ao analisar os relatórios elaborados pelas estagiárias a partir destas conversas, bem como materiais com estudos similares a respeito da adoção, objetivou entender a perspectiva das mães sobre o que elas esperam daquele novo momento de vida, suas frustrações e receios especialmente quando as idealizações não se concretizam. Notou-se a dificuldade, por parte das integrantes do grupo, na aceitação das vivências passadas dos filhos e a preocupação recorrente sobre as possíveis interferências genéticas e vivenciais no processo de aprendizagem das crianças.

**Palavras-chaves:** Adoção; Perspectivas; Vínculos afetivos; Mães adotivas.

**Abstract:** After the adoption of the adoption, the daily coexistence between parents and children in the constitution of the new family generates innumerable questions and doubts. The conversation between the adoptive mothers and the trainees of the CESUCA Faculty of Psychology course sought to demystify and deconstruct the prejudices created and shared among the participants about the idealization of adoption. The group counted with the participation of four mothers in eight meetings in 2018. The present work, when analyzing the reports elaborated by the trainees from these conversations, as well as materials with similar studies regarding the adoption, aimed to understand the perspective of the mothers about what they expect from that new moment of life, their frustrations and fears especially when idealizations do not materialize. The group members' difficulty in accepting their children's past experiences and the recurring concern about possible genetic and experiential interferences in the children's learning process were noted.

**Keywords:** Adoption; Perspectives; Affective bonds; Adoptive mothers.

## Introdução

A presença de uma criança adotada numa família, altera a sua dinâmica profundamente, tendo diversas implicações na vida dos pais. O Grupo ELO - Conversando sobre Adoção é um projeto que vem sendo desenvolvido no Serviço Escola da Faculdade de Psicologia do Cesuca, em Cachoeirinha/RS, Brasil, há 3 anos, com os interessados no assunto, com os pais e crianças que já foram adotadas. O Grupo Elo - Organização

de Apoio a Adoção surgiu em 2015 e define-se como uma associação civil, sem fins lucrativos, de fins não econômicos, e duração por tempo indeterminado. É formado por pais, filhos, pretendentes e simpatizantes pela adoção (Grupo Elo, 2018).

Trata-se de um grupo de apoio a adoção, através do qual, famílias e pessoas solteiras que já adotaram, estão em processo de adoção ou são simpatizantes do tema, podem se reunir e promover um diálogo aberto e saudável sobre a adoção, compartilhando sentimentos e experiências sobre esta questão.

A partir das reuniões realizadas na Faculdade Cesuca com os integrantes do Grupo ELO, a professora coordenadora do projeto na instituição Márcia Franco e as estagiárias participantes, notou-se a importância de desenvolver um Grupo de Mães, com o objetivo de proporcionar uma roda de conversa entre as mães de crianças adotadas e as estagiárias de Psicologia, tendo em vista a necessidade do grupo de partilhar suas experiências, dúvidas e angústias sobre o processo de vinculação e criação de uma criança adotada. O grupo contou com a participação de quatro mães em oito encontros no ano de 2018, nos quais foram discutidas as demandas trazidas pelas participantes, priorizando a troca de vivências entre as mães.

Os encontros aconteceram todas as sextas feiras entre os meses de abril e maio de 2018, a partir das 17 horas e 30 minutos, e tinham duração de uma hora. O grupo nem sempre contava com a participação de todas as mães, mas as estagiárias participaram de todos os encontros, seja como observadoras ou mediadoras do grupo, respeitando sempre as interações individuais de cada participante. Para Zimerman (2000) o grupo é uma unidade que se manifesta como uma totalidade, com uma identidade grupal genuína e uma interação afetiva entre as partes. Dessa forma, a interação entre essas mães desenvolveu uma entidade grupal específica, com características que se modificavam com a presença ou a ausência de alguma das participantes, haja vista que as identidades específicas de cada componente eram preservadas.

O principal foco deste grupo era, através da reflexão, tornar possível a aprendizagem por parte das integrantes, de ser mãe de crianças adotadas. Através do grupo de reflexão (Zimerman, 2000), as mulheres podiam refletir-se de forma especular umas nas outras, entendendo os

processos pelos quais todas passam durante o período de adoção, os novos filhos e a família, especialmente as expectativas e a idealização criadas sobre os futuros filhos. Neste sentido, Almeida (2018, p. 13) argumenta que:

É preciso um trabalho focado na desconstrução de mitos e preconceitos, bem como na desconstrução do filho idealizado para o nascimento do filho real. Aceitar a criança ou o adolescente com sua própria história, muitas vezes permeada por negligência e abandono, é condição essencial para fazer nascer o filho por adoção.

Brofman (in Cordioli et al, 2008) afirma que o grupo oferece ao terapeuta um acesso privilegiado aos conflitos e relacionamentos que eles estabelecem, visto que essas relações intersubjetivas fazem parte do aqui-e-agora, fundamental para o tratamento das patologias existentes. Assim, o grupo formado não deve ser visto somente como fonte de pesquisa para as autoras, transcrito neste estudo de caso, mas também como fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem das mães participantes, como é possível perceber ao longo das narrativas realizadas pelas estagiárias.

Potencializar atividades de extensão com o caráter de pesquisa, que venham a apontar algumas possibilidades de trocas inéditas e viáveis entre as realidades é um dos objetivos do PSICOAÇÃO CESUCA. Participam desses projetos os acadêmicos de Psicologia que realizam estágio curricular. É um local de estágio que possui como foco principal prestar auxílio psicológico à comunidade local de acordo com as demandas apresentadas. A partir das demandas surgidas é desenvolvido um projeto que integra ensino, pesquisa e extensão como uma forma de aprofundar a formação dos acadêmicos de Psicologia.

Como previsto na Constituição de 1988 e confirmado no Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024, as ações de extensão universitária devem ser oferecidas e viabilizadas na flexibilização curricular e com a integralização de créditos em atividades de extensão universitária. O PSICOAÇÃO CESUCA proporciona que quem realiza o estágio de Psicologia dentro dessa proposta, seja comprometido e participativo na construção de uma prática sensível ao entorno da faculdade. As atividades práticas sempre contribuem sensivelmente para a formação dos estudantes, pois ampliam olhares e auxiliam para que os acadêmicos

tenham contato direto com questões contemporâneas e busquem relações entre a teoria e a prática, enriquecendo a experiência discente tanto no viés teórico, metodológico e ético.

Um estudo de caso pretende captar a complexidade do caso único, podendo, a partir deste, fazer-se deduções de outros casos que comportem situações ou circunstâncias semelhantes (Ander-Egg, 2003). Dessa forma, o presente artigo, através da análise dos relatórios produzidos pelas estagiárias do PSICOAÇÃO CESUCA, procurou contribuir com a temática da adoção, sob o foco da relação das mães com os filhos, suas expectativas, angústias e dúvidas durante todo o processo, desde a idealização da criança até a os desafios da convivência diária.

## **Metodologia**

Na tentativa de compreender as dinâmicas de interação que ocorrem entre mães adotivas e filhos adotados e, especialmente, entender um pouco mais sobre os conflitos, as dúvidas e inseguranças envolvidos neste processo, realizou-se observações durante o desenvolvimento do grupo, transcritas em relatórios pelas estagiárias. A partir destas informações, iniciou-se um processo de estudo de caso deste grupo, resultado deste artigo.

A observação é o modo mais antigo de investigação, constituindo-se em uma técnica que faz uso dos sentidos (especialmente visão e audição) de modo sistemático e controlado, a fim de produzir resultados (Ander-Egg, 2003). Entretanto, é preciso destacar que, neste caso, aliado aos sentidos das estagiárias estavam também os conhecimentos em psicoterapias e técnicas grupais, através dos quais elas puderam realizar observações voltadas para o objetivo do trabalho.

O grupo contou com a participação de quatro mães, em oito encontros no ano de 2018.

### **Adoção: do filho idealizado à convivência com o filho real**

Adotar uma criança traz desafios únicos. Além das questões tradicionais do ser pai e mãe, os pais adotivos precisam lidar com outras questões exclusivas da adoção: a integração da criança adotada à famí-

lia, a explicação da adoção para a criança e a ajuda para que a criança desenvolva uma ideia saudável sobre si mesma (Papalia, 2006). Assim, o desenvolvimento desta maternidade e paternidade especial precisa de auxílio, para que possa produzir relacionamentos saudáveis e benéficos para todos os envolvidos.

A adoção é um processo garantido pela lei 8.069 de 1990 e reformulado por diversas outras leis posteriores (Brasil, 1990; 2009; 2017) que afirmam que “a adoção é medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa (...)”. A lei, dentre outras funções, assegura as garantias dos adotados e estabelece que todas as medidas devem ser tomadas em prol de seu bem estar, segurança e desenvolvimento.

O processo de adoção envolve uma série de procedimentos e cuidados, para garantir que ele traga benefícios tanto para adotantes quanto adotados. Este processo envolve a preparação e habilitação para adoção, a definição de perfil da criança ou adolescente pretendido, a espera na fila por uma criança que corresponda ao perfil do futuros pais, a apresentação da criança, o período de convivência e, finalmente, a adoção legal (Almeida, 2018).

Os motivos pelos quais os pais decidem adotar uma criança são os mais diversos possíveis. Lanfredi e colaboradores (2016) evidenciaram, em suas pesquisas, a infertilidade de um dos cônjuges como o motivo principal para a decisão de se realizar a adoção. Também estiveram presentes o desejo de ser pai e/ou mãe, o desejo real pela adoção, a vontade de aumentar a família, o histórico de adoção no grupo familiar e a possibilidade de escolher o sexo da criança.

Por outro lado, estudos realizados com mães que decidiram entregar seus filhos para adoção mostraram que, entre os principais motivos para a tomada de decisão, estavam a ausência de companheiro, a falta de apoio familiar, a ausência de condições sócio econômicas e habitacionais e a criança ser fruto de relacionamento fortuito (Mariano & Rossetti-Ferreira, 2008). Além disso, é preciso considerar que muitas crianças são retiradas de seus lares devido à condições insalubres ou casos de violência e agressão que são submetidas em seus lares biológicos.

Tendo em vista a existência de contextos tão diversos entre as fa-

mílias biológicas e adotivas, é natural que haja dúvidas e receios entre os pais adotivos no processo de educação e formação de seus filhos. Em relação a adoção tardia, há ainda um medo fundamentado no estigma de que as crianças mais velhas trariam maus hábitos e defeitos de caráter adquiridos em suas famílias de origem ou em abrigos (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Na adoção de bebês, o maior medo dos pais é em relação as questões genéticas da família biológica. Entretanto, “deve-se considerar que o filho a ser adotado, traz consigo uma história pré-adotiva que não pode ser negada, mas que deve ser integrada a história de vida atual da criança” (Paulina et al, 2018, p.78).

Sabe-se que, a respeito da formação da personalidade, podemos dizer que ela é construída “durante um longo período de tempo levando em conta os fatores constitucionais inatos da criança e os que serão adquiridos pela influência do meio ambiente exterior, principalmente, pela influência dos pais” (Zimmerman, 1999, p.89). O autor também argumenta que a formação da personalidade está ligada aos processos de maturação e desenvolvimento. A maturação diz respeito aos processos de crescimento das potencialidades orgânicas e neurofisiológicas da criança e que são relativamente independentes do mundo exterior; o desenvolvimento está relacionado a interação entre os processos de maturação e as influências ambientais, que determinam as variações do aparelho psíquico individual (Zimmerman, 1999).

Piaget (apud Papalia, 2006) argumenta que o desenvolvimento cognitivo ocorre em diferentes estágios, de forma gradual e com três princípios relacionados: organização, assimilação e acomodação. A organização diz respeito a criação de estruturas cognitivas cada vez mais complexas, ao longo do tempo, que se dão através dos processos de assimilação, que consiste em receber informações e incorporá-las as estruturas cognitivas, e a acomodação, que ocorre quando muda-se as estruturas cognitivas existentes (Papalia, 2006).

É mister perceber que “os vários comportamentos de uma criança não se desenvolvem isoladamente, mas como partes de um sistema integrado de comportamentos em desenvolvimento” (Cole & Cole, 2003, p.189), para os quais há contribuições dos fatores ambientais e biológicos, bem como das influências culturais e das circunstâncias específicas em que estas crianças se encontram (Cole & Cole, 2003). Da mesma

forma, que o ambiente externo molda algumas das características das crianças, o meio também é moldado por elas, visto que elas alteram a dinâmica do novo ambiente no qual estão inseridas.

O desenvolvimento humano é permeado tanto por questões de hereditariedade quanto pelas diferentes influências do meio, tais como os contextos familiares, econômicos e culturais. Entretanto, em relação ao desenvolvimento cognitivo, nota-se uma maior plasticidade, ou seja, mesmo que o organismo humano seja muito sensível a determinadas experiências psicológicas em determinado tempo de vida, elas podem ser amenizadas ou revertidas por outras experiências posteriores (Papalia, 2006), o que sustenta a importância e a influência das novas interações familiares para os adotados. Assim, a adoção traz inúmeras transformações, não só para as crianças adotadas, mas também para os pais adotivos, que precisam estabelecer relações que favoreçam o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo desses indivíduos sob sua responsabilidade.

Ao longo dos encontros deste grupo de mães, as participantes foram expressando diversos sentimentos sobre a questão da adoção, bem como houve o compartilhamento de angústias e dúvidas que ocorrem durante a criação de seus filhos. O grupo contou com a participação de quatro mães durante oito encontros que aconteceram na Faculdade Cesuca, com a mediação e observação de estagiárias de psicologia.

O grupo de reflexão tende a proporcionar aos indivíduos participantes uma forma mais adequada de pensamento, oportunizando-os a perceber o quanto seus pensamentos estão criativos ou não, diante das questões apresentadas (Zimmerman, 2000). Assim, o objetivo do grupo era o de promover relações construtivas entre essas mães, de modo a aliviar seu sofrimento devido as frustrações no processo de criação dos filhos e buscar soluções criativas para uma melhor adaptação entre as crianças e a família.

As participantes do grupo haviam adotado as crianças há menos de um ano, todas haviam adotado mais de uma criança (irmãos), em um processo de adoção tardia. Dessa forma, a identificação entre elas foi imediata, surgindo um vínculo de reconhecimento (Zimmerman, 2000), através do qual elas percebiam frustrações, medos e angústias semelhantes umas nas outras.

Quanto a adoção tardia, Almeida (2018, p. 21) argumenta que estas crianças já desenvolveram uma consciência de sua própria história e, em geral, desejam uma nova família;

“mas precisam de tempo e paciência para construir os futuros laços de afeto e lealdade para se sentirem filhos. A história dessas crianças precisa ser acolhida, dando-lhes a oportunidade de reescrever novas trajetórias, sem rupturas dramáticas e sem segredos.”

Durante as rodas de conversa, notou-se uma certa dualidade entre a aceitação das histórias pregressas destas crianças e uma dificuldade em aceitar essas histórias. Muitas vezes, as crianças tinham comportamentos ambíguos e controversos em relação ao seu passado, por vezes com saudades dos pais biológicos e, em outras, com rancor deles. Esses comportamentos afetavam as mães, fazendo-as se questionarem sobre o amor de seus filhos em relação a elas e aos seus pais biológicos. Por sua vez, essas dúvidas também culminavam em questionamentos a respeito do amor que elas mesmas sentiam em relação aos seus filhos.

Winnicott (apud Hermeto & Martins, 2016) aponta que uma criança adotada só consegue acreditar que é amada se antes se sentir odiada pelos pais. Segundo ele, a criança “está tendo um comportamento ativo de ódio direcionado aos pais, projetando as experiências anteriores de abandono e negligência na realidade atual” (Hermeto & Martins, 2016, p. 120). Para o autor, estes comportamentos desenvolverão a aceitação da nova realidade e a posterior criação de vínculo entre o adotado e seus pais.

O processo de adoção traz questões específicas em relação aos sentimentos dos pais para com os filhos adotivos, muitas vezes permeadas por sofrimento e angústia. Paulina e colaboradores (2018, p.81) expõe que:

“tanto os pais adotivos quanto biológicos tem a necessidade de encontrar suas expectativas em seus filhos. Todavia, os pais adotivos passam pelo desafio que é encontrar a criança ideal na criança real decorrente das características peculiares da adoção, como: a falta de vínculo genético, o fato de não terem acompanhado a criança desde o seu nascimento, as fantasias em relação aos pais biológicos, as diferenças étnicas, entre outros.”

Entretanto, todo este processo tem consequências dolorosas para as mães. Uma delas se pergunta: “Eu não deveria me sentir maravilhada e sentir borboletas no estômago já que hoje sou mãe?”. Esta frase proporcionou identificação imediata entre as demais participantes do grupo, haja vista que elas se sentiam, muitas vezes, culpadas por não se sentirem maravilhadas com seus filhos, mesmo os tendo desejado tanto.

Na semana dos dias das mães foi perguntado para o grupo como havia sido esse dia, por ter sido o primeiro dia das mães vivenciado por esse grupo após a adoção. Uma mãe comentou que as crianças estavam ansiosas para entregar os presentes do dia das mães, e com isso, entregaram no dia anterior e disse: *“Às vezes me sinto culpada por não brilhar tanto os olhos acerca das crianças. Eu ficava esperando que algo maior acontecesse, mas até o momento não consigo sentir pelas crianças tudo aquilo que eu esperava”*. Uma outra mãe disse que o dia das mães foi tranquilo, porém, que a diretora da escola de seus filhos, queria que ela contasse sua história no dia da apresentação para as mães. Ela recusou o convite dizendo que não se sentia à vontade em falar em público para todos que estavam no colégio e que também não queria expor seus filhos. Ela trouxe a preocupação de não ter ainda a documentação das crianças e isso a deixava receosa. Nesse momento, uma outra mãe disse ter a mesma preocupação em relação à documentação dos filhos e acrescentou que só vai se sentir mãe quando estiver com as certidões das crianças. Parece que foi compreendida pelas outras mães.

A identificação mútua entre elas proporcionou alívio do sofrimento, pois perceberam que era um processo compartilhado em relação a adaptação à nova vida familiar. Sonogo e Lopes (2009, p.21) argumentam que “as ambivalências presentes nas falas das mães podem demonstrar que a adoção não está bem resolvida para elas, talvez pela dificuldade em reconhecer que o que as une a um filho “da barriga” ou a um filho adotivo é, antes de mais nada, o desejo de ser mãe”.

## **Conclusão**

Ao longo das conversas no grupo de mães percebeu-se a necessidade latente da abertura de espaços desse tipo para aliviar o sofrimento das famílias adotantes em relação as dificuldades de convivência e

desenvolvimento de vínculo afetivo entre elas e os filhos. A criação de redes de apoio sólidas é extremamente importante, não só durante o processo de adoção, mas também após esta fase inicial, buscando auxiliar as famílias a lidar com questões que surgem ao longo da criação dos filhos.

Através do desenvolvimento do grupo, da identificação mútua entre as participantes e da promoção da criatividade para a solução das questões, notou-se um crescimento de todas as mães, em relação a visão que elas tinham dos filhos e de si mesmas. O apoio dado pelas mães e o fato delas se reconhecerem nas falas umas das outras fortaleceram o grupo e proporcionaram o crescimento de cada uma.

Ao promover encontros deste tipo, é necessário realizar um movimento a fim de desmistificar a idealização do filho perfeito e as ideias românticas que os pais têm de como será este filho, nas relações que desenvolverão com eles. São muitos fatores psicológicos envolvidos em um processo de adoção: os filhos trazem não somente uma carga genética, mas também experiências já vividas em suas famílias biológicas ou instituições nas quais viviam, no caso das adoções tardias, fatores que modificam o desenvolvimento da criança e suas relações com os pais. Assim, os pais precisam encontrar espaços para vivenciar e entender essas mudanças que ocorrem com eles e seus filhos, buscando a promoção de relações mais saudáveis e duradoras entre adotantes e adotados.

## Referências

- Almeida, P. (2018). *Três vivas para a adoção: guia para adoção de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Mais: Movimento de Ação e Inovação Social.
- Ander-Egg, E. (2003). *Métodos y técnicas de investigación social: técnica pra recogida datos e información*. (1ª ed.). Buenos Aires: Lumem.
- Brasil (1990, 2009, 2017). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)
- Brasil (2014). *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)
- Cole, M. & Cole, S.R. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Costa, N.R.A. & Rossetti-Ferreira, M.C. (2007). Tornar-se Pai e Mãe em um Processo de Adoção Tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 425-434.

- Cordioli, A.V. (2008). *Psicoterapias: Abordagens atuais*. (3ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Grupo ELO (2015). *Organização de apoio a adoção*. Disponível em: <https://eloadocao.blogspot.com/p/a-equipe-elo.html>
- Hermeto, C.M. & Martins, A.L. (2016). *O livro da psicologia*. (2ª ed.). São Paulo: Globo Livros.
- Lanfredi, C.A. (2016). Adoção: um estudo sobre a perspectiva de pais adotivos. *Revista Brasileira de Tecnologias Sociais*, 3(2), 73-87.
- Mariano, F.N. & Rossetti-Ferreira, M.C. (2008). Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 11-19.
- Papalia, D.E. (2006). *Desenvolvimento Humano*. (8ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Paulina, E. (2018). Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva de pais adotantes. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 38(94).
- Sonego, J.C. & Lopes, R.C.S. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia* 29, 16-26.
- Zimmerman, D.E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – Uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimmerman, D.E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.